

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

"OS TRABALHADORES DA USATI"

RELATÓRIO FINAL

Curso: Comunicação Social-Jornalismo

Aluna: Janete Jane Cardozo

8018323/2

Florianópolis, 23 de janeiro de 1984.

RELATÓRIO FINAL

DISCIPLINA: JED 1401 - PROJETOS EXPERIMENTAIS

GÊNERO DO TRABALHO: REPORTAGEM

TÍTULO : "OS TRABALHADORES DA USATI EM RIÇARRAS"

TÍTULO JORNALÍSTICO: *"A VIDA AMARGA DOS COLHEDORES DE CANA."*

PERÍODO DE EXECUÇÃO: SETEMBRO 83/JANEIRO 84.

ORIENTADOR: PROFESSOR ADELMO GENRO FILHO.

ALUNA: JANETE JANE CARDOZO.

SÍNTESE DO PROJETO ORIGINAL:

O meu projeto experimental tem como tema os trabalhadores da USATI no município de Piçarras.

Seu objetivo é documentar, através de uma grande reportagem, a situação econômica e social desses trabalhadores - suas relações com a empresa, suas perspectivas de vida e de trabalho.

Optei pela grande reportagem porque meu interesse é levar a realidade dos trabalhadores ao conhecimento das pessoas da comunidade, especialmente aquelas que moram na faixa próxima à praia e que não sabem nada do que acontece além da BR - 101, na zona rural do município.

Uma pesquisa bibliográfica não se prestaria a isso. E eu não poderia arcar com as despesas de um VT ou mesmo de um áudio-visual.

CRONOGRAMA, MÉTODOS E TÉCNICAS:

Iniciei a execução do Projeto Experimental no dia 03/09/83, com as primeiras pesquisas de campo nas fazendas da USATI. Tive que me deslocar até lá de carro e como não dirijo, a Prefeitura do município cedeu um motorista.

A pesquisa junto aos colonos se prolongou até o fim de outubro. Nessa época, realizei também as pesquisas junto às famílias humildes que moram nos bairros da periferia de Piçarras.

As entrevistas com os trabalhadores constaram de quatro partes:

- pequena história de vida do informante;
- relato de suas condições de trabalho;
- relato de suas condições de vida;
- avaliação do presente e expectativas do futuro.

A utilização de pesquisa estatística, como previa o plano, mostrou-se inviável na prática. O método não-diretivo, empregado para a execução da reportagem, não se presta à avaliação estatística.

Além do mais, os pais não se mostraram dispostos a dar informações como o número de filhos ou quantos estavam na escola. Muitos nem sabiam ao certo a idade das crianças e ficavam constrangidos com isso.

Assim, achei melhor excluir números exatos e falar em termos de constatações gerais que ficaram evidentes.

No início de novembro procurei a diretoria da USATI. Entrevistei as seguintes pessoas:

- Jaime Antônio Bosi, gerente de Recursos Humanos do setor industrial da empresa. (Em Pedra de Amolar, na sede da usina, na divisa entre Ilhota, Navegantes e Luís Alves).
- José Andrade, gerente de Recursos Humanos do setor agrícola. (Na FEPEVI - Fundação Educacional de Itajaí, onde ele é professor).
- César Gomes, Diretor-Presidente do Grupo USATI. (Em Florianópolis, no escritório central da empresa).
- Leônides Martins, diretor do setor agrícola. (Idem).

Para os diretores, os questionários abordaram os seguintes pontos: história de vida como empresário rural; relato da ampliação da propriedade; alterações introduzidas na produção, na mecanização, e no sistema de utilização da força-de-trabalho; condições sócio-econômicas dos trabalhadores e sua relação com os patrões.

Para os gerentes as perguntas foram sobre a arregimentação e o transporte dos trabalhadores, o contrato de trabalho e a fiscalização, as condições de trabalho fora da safra, a assistência concedida aos colonos pela empresa, o relacionamento entre gerentes e colonos.

No final de novembro entrevistei o prefeito de Piçarras e o vigário da paróquia.

O primeiro para que me informasse sobre os efeitos da entrada da USATI na economia do município. O segundo, porque sabia que ele tinha informações importantes sobre a usina e também para que passasse o ponto de vista da Igreja sobre a questão dos agricultores sem terra.

Em nenhuma das entrevistas utilizei gravador, pois acho que o gravador, no caso específico desse trabalho, inibiria os entrevistados. Ainda mais porque eu tratava, quase sempre, com trabalhadores desconfiados e com medo de se comprometer.

Máquina fotográfica e filmes foram conseguidos por mim. Portanto, não usei qualquer equipamento do curso.

Finalmente, no início de dezembro obtive algumas informações que faltavam junto à delegacia de Piçarras.

Em seguida, já com um esquema mais ou menos montado, redigi o texto final da reportagem. Esse texto, após análise do professor orientador, foi completamente reestruturado, trabalho que se estendeu até o dia 10 de janeiro de 1984.

REDACÇÃO DA REPORTAGEM:

A reportagem foi redigida na primeira pessoa do singular por sugestão do professor orientador, que considerou esse recurso eficiente para prender a atenção do leitor.

Em seu primeiro texto a reportagem dividia-se em introdução e conclusão, recheada por quatro grandes blocos: a visão dos trabalhadores sobre si mesmos, a ótica dos patrões, a relação empresa/empregado, os sonhos e a expectativa de futuro dos trabalhadores.

Fazia parte da conclusão uma análise dos dados obtidos na pesquisa. Nessa análise apontavam-se alguns dos motivos que levaram o trabalhador rural à situação em que se encontra. Aparecia também um quadro da luta dos agricultores no país.

Reescrito, o texto mistura depoimentos de trabalhadores e patrões, procurando marcar as contradições entre uns e outros. A análise foi suprimida pois, segundo o professor orientador, esse trabalho cabe ao leitor e não ao repórter.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- Quanto à bibliografia, baseei-me nos seguintes livros:
- GRAZIANO DA SILVA, José. "O que é Questão Agrária". 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- VEIGA, José Eli. "O que é Reforma Agrária." São Paulo, Brasiliense, 1981.
- INCAO, Maria Conceição de. "O 'Bóia-Fria': acumulação e miséria." Petrópolis, Vozes, 1983.

BIBLIOGRAFIA (continuação) :

" A crise deixa o país pobre, doente e endividado." In: 1º caderno, Política. "Folha de São Paulo", Domingo, 28 de agosto de 1983. p10
"Na zona rural, a glorificação do latifúndio." Ibid. p. 12.

GABEIRA, Fernando. "Agonia de fome". In: Revista "Isto É", 10 de agosto de 1983. nº 346.p.37/9.

HIPÓTESES:

No que se refere às hipóteses, as conclusões são as seguintes:

-Quanto à primeira - a de que os trabalhadores contratados pela USATI aceitam condições ilícitas de trabalho e salários. De modo geral não se pode dizer que as condições sejam ilícitas, mas se pode afirmar que a própria lei coloca o trabalhador rural em desvantagem frente ao trabalhador da cidade. Só para citar alguns exemplos: o rural recebe pelo FUNRURAL; o da cidade pelo INPS.

A aposentadoria pelo FUNRURAL é bem menor e a assistência médica consegue ser mais precária do que pelo INPS.

Quanto aos salários: a reportagem descreve uma estratégia empregada para que o trabalhador não consiga muita coisa além do salário mínimo. A maioria dos trabalhadores, na verdade, desconhece mesmo seus direitos legais. Os que conhecem só se submetem por falta de opção de emprego. Por tudo isso, considero a primeira hipótese confirmada apenas em parte.

- Quanto à segunda, sobre a mão-de-obra infantil, novamente confirmou-se em parte. A mão-de-obra infantil é mesmo numerosa, mas as crianças são contratadas pela USATI somente a partir dos doze anos, como prevê a lei. É claro que muitas crianças menores de doze anos trabalham nas roças com os pais, mas, oficialmente, a USATI não tem nada a ver com isso.

Essa informação já confirma inteiramente a terceira hipótese, que diz: parte da mão-de-obra infantil, na faixa dos sete aos 14 anos, não frequenta a escola.

- A quarta hipótese diz o seguinte: "Os trabalhadores são contratados num sistema de rodízio e despedidos ao final de cada safra" Ela foi confirmada, embora os diretores da USATI troquem o termo rodízio por "renovação normal."

No decorrer do trabalho, outras hipóteses surgiram e se confirmaram. Por exemplo:

- O índice de criminalidade no município aumentou 50% desde que as famílias trazidas pela USATI começaram a ser demitidas.
- Todo o material empregado nos canaviais é comprado da USATI pelos colonos, o que lhes acarreta um endividamento crescente junto à empresa.
- Assistência médica praticamente não existe, pois embora a usina tenha médico e ambulatório, eles ficam na sede da usina, a uns 25 Km das fazendas de Piçarras. Os colonos não têm condições de ir até lá pois não existe linha de ônibus entre os dois locais.

ORÇAMENTO:

As despesas com papel, filme, passagens, gasolina, livros, xerox e revelação de fotografias ficaram em Cr\$ 78.000.00.

AVALIAÇÃO:

DA ORIENTAÇÃO: O professor Adelmo, como orientador do projeto, fez um trabalho de acompanhamento, dando sugestões e esclarecendo dúvidas, ou colocando algumas.

A organização do cronograma e a seleção de pessoas a serem entrevistadas ficou por minha conta (e risco), o que excluiu a cobrança de tarefas.

Ainda na fase de planejamento do projeto, recebi orientação do professor Carlos Müller no tocante ao desenvolvimento do tema.

Sei que a maior parte dos colegas enfrentou problemas com relação à orientação.

Penso que isso se deve à maneira como a disciplina Projetos Experimentais

tais é propagandeada no curso - como algo extremamente difícil. Resultado: quando se tem que encará-la, espera-se que o professor orientador "opere o milagre" de ensinar alunos apavorados a executarem um trabalho complicado.

Com as próximas turmas é bom que isso se modifique. Vocês, professores, cortem algumas das sete cabeças do bicho.

Sugiro ainda que o estágio não desapareça, mas que seja desenvolvido junto com o projeto. Quem escolhe em JED 1401 uma reportagem para jornal, faz estágio no laboratório de Imprensa, quem vai fazer um VT, no laboratório de vídeo e assim por diante. Dessa forma, o trabalho renderá muito mais.

DO PROJETO: Eu me propus a fazer uma grande reportagem que documentasse a situação econômica e social dos trabalhadores da USATI em Piçarras. Atingi meu objetivo.

Resumo abaixo algumas das principais informações obtidas nas entrevistas:

As Usinas do Açúcar Adelaide Tijucas, que têm terras em São João Batista, Biguaçu, Tijucas, Itapema, Camboriú, Navegantes, Ilhota Luís Alves, Penha, Piçarras e Barra Velha, além da Cerâmica PORTO + BELLO, em Tijucas e da SAGA, empresa dedicada à cultura de maçãs, em Fraiburgo, tinha 14.270 ha de terra no estado todo até 1973.

Hoje são 20.000 ha. Só em Fraiburgo são 4.800. Em Piçarras, 4.000, cerca de 40.361 m², mais de 20% da área total do município, que é de 154 Km².

Isso em números oficiais. Extra-oficialmente, sabe-se que eles têm muito mais.

A exportação de açúcar e cerâmica vai de vento em popa. Principalmente a de açúcar. Há poucos meses a empresa conseguiu penetrar no fechado e exigente mercado norte-americano.

Enquanto isso, os trabalhadores da usina moram mal e mal se alimentam.

Sofrem com a exploração econômica aguda a que estão submetidos, sofrem com o analfabetismo, sofrem por ignorar desde os princípios básicos de higiene até a existência de uma tabela de preços para o seu

trabalho.

A subnutrição e as doenças decorrentes dela transformam-nos em velhos aos trinta anos.

Minguados, sem terra, eles são obrigados a produzir cada vez mais, na esperança de que seus empregos não acabem junto com a safra.

DA EXPERIÊNCIA:

Durante a execução do projeto enfrentei vários problemas. Ou por deficiências minhas - a dificuldade para redigir o texto final por exemplo. Ou por falhas do curso. Nestas, incluo a pouca discussão sobre entrevista e reportagem durante estes quatro anos.

O contato que temos com esses assuntos na 5ª e 6ª fases é mínimo e não nos prepara para um trabalho do nível do Projeto Experimental.

O currículo e os programas do curso deveriam ser revistos, para que as próximas turmas sintam-se mais seguras na execução de seus trabalhos.

Mas, não sei se apesar ou por causa desses problemas, o projeto valeu, principalmente pelo trabalho de investigação que me obrigou a fazer e pelo exercício de composição de uma reportagem mais aprofundada, coisa que dificilmente teremos oportunidade de fazer no corre-corre diário de um jornal.